

Tecnologia na Educação: a aprendizagem da Língua Inglesa por meio da rede social LiveMocha

Neide Aparecida Arruda de Oliveira
Mestre em Linguística Aplicada pela Unitau

Francini Mengui Campos
Graduada em Letras Português/Inglês

Resumo

O objetivo deste artigo é promover uma reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem em meio virtual com auxílio das novas tecnologias em uma comunidade virtual conhecida como Livemocha. Trata-se de um ambiente virtual que busca promover a aprendizagem de idiomas de forma colaborativa, uma vez que o aprendiz de língua estrangeira no Livemocha também passa a ser professor de sua língua materna. A aplicação de novas tecnologias na educação vem modificando o panorama do sistema educacional e, por isso, pode-se falar de um tipo de aula antes e depois da difusão de mídias integradas e tecnologias avançadas de comunicação digital. Os resultados das aplicações de tais tecnologias estão criando condições objetivas para questionarem a real necessidade de se preparar para o ensino virtual. Na era da tecnologia, da Internet, das redes sociais, a aprendizagem de idiomas se remodela e modela a atividade do aluno. Cada vez mais, surgem mobilizações virtuais em busca de conhecimentos. Um fator relevante para manter o aluno envolvido na sua aprendizagem por conta dos sistemas mochapoints e outros recursos e estratégias disponibilizadas no Livemocha.

Palavras-chave

Educação; Internet; Livemocha; Tecnologia; Língua Inglesa.

Abstract

The purpose of this article is to discuss teaching and learning process through virtual media with the support of new technologies in a virtual community known as Livemocha. It is a virtual environment that seeks to promote language learning in a collaborative way, once the apprentice of foreign language in Livemocha also happens to be their mother tongue's teacher. The implementation of new technologies in education has been changing the prospect of the educational system and, therefore, it can be said that there is a former and later sort of lesson after the diffusion of an integrated media and advanced technologies of digital communication. The results of such implementation are bringing forth objective conditions to questioning the real need to prepare for virtual learning. In the age of technology, the Internet, social networks, language learning remodels and modeling the activity of the student. Increasingly, there is a virtual mobilization searching for knowledge. This is an relevant point to preserve the student engagement in learning throught Mochapoints systems and other resources and strategies available on Livemocha.

Keywords

Education; Internet; Livemocha; Technology; Foreign Language

Introdução

Há 30 anos seria impossível imaginar uma sala de aula sem o quadro ou uma pesquisa escolar feita sem uma enciclopédia. Muito menos, que esses instrumentos consagrados seriam substituídos por modernas lousas digitais e inúmeras obras virtuais disponíveis na Internet. Mas os tempos mudaram, sim, e a presença da tecnologia na educação avança a cada dia.

A aplicação de novas tecnologias na educação vem modificando o panorama do sistema educacional e, por isso, pode-se falar de um tipo de aula antes e depois da difusão de mídias integradas e tecnologias avançadas de comunicação digital. Os resultados das aplicações de tais tecnologias estão criando condições objetivas para questionarem a real necessidade de se preparar para o ensino virtual.

Hoje, há a percepção de algumas tendências relativas aos novos modelos de ensino e aprendizagem de idiomas mediados por computador. Uma dessas tendências é a aprendizagem por meio de Redes Sociais ou Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

O objetivo deste artigo é refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem em meio virtual com auxílio das novas tecnologias em uma comunidade virtual conhecida como *Livemocha*. Trata-se de um ambiente virtual que busca promover a aprendizagem de idiomas de forma colaborativa, uma vez que o aprendiz de língua estrangeira no Livemocha também passa a ser professor de sua língua materna. Segundo informações do próprio site, a comunidade possui mais de 9,5 milhões de membros espalhados ao redor do mundo, aprendendo mais de 35 idiomas.

Este artigo concentra-se em uma pesquisa descritiva, de natureza bibliográfica que segundo Lakatos e Marconi (2001) é um procedimento de investigação que consiste na utilização de informações coletadas por outros estudiosos, por intermédio de levantamento de documentação indireta ou fontes secundárias.

Educação e as novas tecnologias

Atualmente a escola não satisfaz mais os estudantes, eles não têm interesse nos conteúdos apresentados, pois muitos estão fora de suas necessidades e conforme estudos desenvolvidos, o trabalho por projetos surge do interesse dos estudantes, onde o mesmo buscará o conhecimento suprindo as suas necessidades e com isso sua aprendizagem se tornará efetiva e significativa.

Santomé (1998, p. 206), afirma que: “o processo educacional precisa apoiar-se nos interesses dos estudantes, mas também deve gerar novos interesses. Um bom projeto curricular tem que ser prazeroso e educacional ao mesmo tempo; tem de propiciar uma certa continuidade nos aprendizados”.

O uso da rede mundial de computadores, como ferramenta de grande utilidade para o processo de educação a distância, não deve apenas resolver as questões referentes a distâncias.

Com a modernidade, a vida corrida do dia-a-dia, computadores ligados à Internet e o estudo a distância ganham espaço efetivo na vida das pessoas. Muitos são os benefícios, principalmente quanto à qualidade de vida, entretanto, a competitividade profissional que exige que os profissionais sejam cada vez mais mais qualificados, impossibilitando a muitos jovens que não possuem acesso as TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação – a inserção a trabalhos mais dignos. A opinião de muitos estudiosos é que a atualização hoje, é uma questão de sobrevivência.

Segundo o pedagogo Lima Júnior (2011 *apud* ANJOS, 2007) o acesso às redes digitais de comunicação é importante para o funcionamento e o desenvolvimento de qualquer instituição social, especialmente para a educação que lida diretamente com a formação humana. Cabe à educação uma responsabilidade tanto na compreensão crítica do(s) significado(s) dessa transformação, quanto na formação dos indivíduos e dos grupos sociais. Estes devem assumir com responsabilidade a condição social de tal virada, provocada entre outros fatores, pela revolução nas dinâmicas sociais de comunicação.

A tecnologia baseada no computador, que permite acesso rápido e imediato a fontes ampliadas de informação e agiliza seu tratamento, poderá com certeza contribuir para ajudar a escola a se transformar em um local onde se constrói conhecimento e onde se desenvolvam habilidades.

Os processos ou estratégias para a melhoria da educação envolvem riscos, e, por isso, relutamos em disparar um processo de mudança. E, no estado atual da educação, seria irresponsabilidade recusar-se a correr riscos (JOLY, 2002).

No Brasil as tecnologias de informação estão presentes nas instituições educacionais desde o surgimento dos computadores como produtos comerciais. A princípio em algumas Universidades como objeto de pesquisa e de acesso bastante restrito. Posteriormente, como máquinas de ensinar destinadas a jovens e adultos e, atualmente, na perspectiva de auxiliares da aprendizagem para todos os níveis escolares.

As primeiras iniciativas na utilização de tecnologias em atividades de ensino envolvendo a educação básica datam da década de 1980 com o projeto EDUCOM (VALENTE, 2002). Deste então muitas ações se sucederam na tentativa de incorporar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ao contexto educacional e vários grupos de pesquisa foram constituídos nas universidades brasileiras (FERNANDES, SANTOS, 1999).

Segundo Lévy (1999), a tecnologia não pode ser considerada autônoma, separada do homem, ou mais especificamente separada da sociedade e da cultura, pois é um produto desta mesma sociedade e cultura. As atividades humanas interagem com ideias e representações e também com partes materiais, naturais e artificiais.

Não adianta virtualizar o ensino tradicional. A tecnologia como apoio ao ensino é limitada e até desnecessária. O que se pretende é que a tecnologia seja usada como uma ferramenta para a aprendizagem. A postura pedagógica do professor define qual utilização será feita.

A integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aos processos educacionais é uma das transformações necessárias à escola para que esteja mais em sintonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea, de economia globalizada e cultura mundializada.

Cunha Filho et al (2000 *apud* TORRES, MARRIOTT, 2006) atribuem à tecnologia a sustentação do processo colaborativo, ou seja, a tecnologia oferece meios que facilitam o processo de cooperação, seja ele educativo, seja ele do campo laboral.

A aprendizagem colaborativa assistida por computador pode ser um caminho a ser considerado nesses processos de formação desde que não se limite a conectividade à distância. O que deve ser valorizado é a troca do conhecimento em rede. Deve-se encontrar um meio termo entre o que se conhece hoje como ensino presencial e o que se pretende com o ensino à distância. Ambos têm as suas limitações, mas para se adaptarem às necessidades atuais e obterem melhores resultados pedagógicos devem ser integrados.

O surgimento das tecnologias da informação – TIs

A (TI) é, seguramente, um dos maiores campos de pesquisas e discussões deste final de século. Para se ter uma compreensão adequada de sua influência atual na vida das organizações, sejam públicas ou privadas, é conveniente observar sua trajetória desde seu surgimento.

Em 1969, um jovem engenheiro elétrico chamado Ted Hoff teve uma ideia ao mesmo tempo simples e inteligente. Hoff acabara de ingressar na Intel Corporation, uma empresa que se iniciava no ramo dos semicondutores e fora designado para um projeto a fim de produzir um conjunto de doze microchips para uma nova calculadora em desenvolvimento pela empresa japonesa de produtos eletrônicos Busicon. Cada chip seria destinado a uma função diferente: um executaria os cálculos, um controlaria o teclado, um exibiria as imagens na tela, um controlaria a impressão e assim por diante. Tratava-se de uma missão delicada, alguns chips precisariam conter até 5.000 transistores, e todos eles precisariam encaixar-se precisamente dentro do aparelho, e Hoff temia que o custo total do conjunto de chips acabasse excedendo o orçamento da empresa. Ele, então, deixou de lado o plano original do cliente e adotou uma metodologia completamente diferente. Em vez de tentar encher a calculadora com uma dúzia de chips especializados, Hoff decidiu criar um único chip para tudo, uma unidade de processamento central, que poderia incumbir de muitas funções diferentes. Dois anos depois, a ideia de Hoff teve sucesso quando a Intel revelou seu semicondutor 4004, o primeiro microprocessador do mundo (CARR, 2009, p. 1).

Ao apresentar o cérebro para uma nova geração de computadores pequenos e fáceis de programar, o microprocessador mudou o curso não só da computação, mas também do comércio. Embora os computadores fossem usados nas empresas desde 1951, seu tamanho, complexidade e inflexibilidade tendiam a limitar o uso em tarefas rotineiras rigidamente definidas, como o processamento de folhas de pagamento, discriminação de inventários e execução de cálculos de engenharia. O microprocessador programável desencadeou toda a potência do computador, permitindo-o ser usado por todos os tipos de pessoas, para todos os tipos de coisas, e em todos os tipos de empresas (CARR, 2009, p. 2).

Ainda segundo Carr (2009, p. 2) a invenção de Hoff promoveu o surgimento de inovações na computação empresarial. Em 1975, apareceu o primeiro computador pessoal produzido em massa. Em 1976, o primeiro programa de planilhas, o *VisiCalc*, foi posto à venda, seguido, em 1979, pelo *WordStar*, o primeiro processador de textos para PC (*personal computer*), e pelo primeiro sistema de banco de dados relacional Oracle. Em 1982, a introdução do TCP/IP, um conjunto de protocolos de comunicação por rede, abriu caminho para a moderna internet. Em 1984, chegou o Macintosh, com sua interface gráfica fácil de usar, assim como a primeira impressora a laser de mesa. Em 1989, os e-mails começaram a fluir pela internet, e em 1990, foi inventada a *World Wide Web* por Tim Berners-Lee. À medida que a década de 1990 prosseguia, proliferavam os websites e as intranets corporativas. Cada vez mais transações comerciais começaram a ser realizadas on-line, e os fabricantes de *softwares* criaram novos programas sofisticados para administrar tudo, desde aquisição de suprimentos até a destruição de produtos para comercialização, além das vendas.

Juntamente com a retirada das restrições governamentais sobre o comércio, a proliferação dos equipamentos e programas de computação foi o principal fator a dar forma aos negócios ao longo dos últimos quarenta anos. Atualmente, poucos ainda questionam que a tecnologia da informação tornou-se a espinha dorsal do comércio no mundo desenvolvido. Ele sustenta as operações de empresas individuais, estabelece a união de cadeias de abastecimento dispersas e relaciona cada vez mais empresas com os clientes a que elas atendem (CARR, 2009, p. 3).

Uma pesquisa de opinião feita em 1997 conduzida pela Faculdade de Economia de Londres revelou que os executivos chefes e diretores de grandes empresas, norte-americanas e europeias acreditavam que, até o final da década, 60% das suas iniciativas na TI seriam voltadas para obter vantagem competitiva em vez de apenas manter-se atualizado ou sobreviver. Isso representa uma reviravolta total nas opiniões expressas na década de 1980 e no início dos anos 1990.

A reviravolta é perfeitamente resumida pela história de Welch que explorou pessoalmente o funcionamento da internet antes de 1999, quando, durante um período de férias no México, a esposa colocou-o diante do seu laptop e mostrou-lhe como enviar e-mail e usar um navegador da rede.

Com o colapso do estouro da internet, o pêndulo começou a oscilar para trás. Ao longo dos últimos anos, à medida que ficava dolorosamente claro que muitos dos investimentos em tecnologia da década de 1990 tinham ido para o lixo, começou os olhares indiferentes tanto em relação às propostas quanto a grandes iniciativas em novas tecnologias.

Segundo Levy (1996, p. 20) a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virbus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potencia e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

Segundo Lévy (1996, p. 21), durante o ato da comunicação, em um primeiro momento, ocorre a transmissão de informação e, num segundo momento, essa mesma informação carrega em seu bojo uma certa intencionalidade, que, durante o diálogo, ganha sentido. “Seria a transmissão de informações a primeira função da comunicação? Decerto que sim, mas em um nível mais fundamental o ato de comunicação define a situação que vai dar sentido às mensagens trocadas” (LÉVY, 1996, p. 21).

Em plena era da informática, a Internet é o veículo de comunicação em que a informação é processada em tempo real, de uma forma interligada e globalizada. Quando um indivíduo se depara com um texto escrito em seu microcomputador, incondicionalmente busca conhecer o conteúdo desse texto, seguido logicamente de seu próprio interesse.

Utilidades das TICs

No decorrer dos tempos, as tecnologias utilizadas pelos educadores como: quadro-negro, giz e livros didáticos já não são mais vistas como tecnologias educativas, pois limitam o acesso às informações não suprimindo as necessidades dos estudantes e professores. Essas tecnologias ainda são usadas e serão por muito tempo, mas nem por isso podemos fechar os olhos para as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, as denominadas TICs que estão presentes em nosso meio social.

“A escola, como um espaço privilegiado para a apropriação e construção de conhecimento, tem como papel fundamental instrumentalizar seus estudantes e professores (...)” (NEVADO, 1999, p. 2).

A escola muda lentamente em relação aos avanços tecnológicos da sociedade, mas o importante é ela não parar, estar em constante busca, inovando para que seus estudantes encontrem nela recursos tecnológicos que enriquecem o ambiente de aprendizagem onde todos interagem com um fim comum, a busca do conhecimento.

Com os avanços tecnológicos no meio social, a escola também sente a necessidade de oferecer aos seus estudantes meios que possam ser utilizados para desenvolver a

aprendizagem e tomarem conhecimento dos recursos que já fazem parte da realidade em que vivem. Visando aproximar mais as questões teóricas, cabe agora, de forma simples e modesta, apresentar uma alternativa de experimentação das mesmas. Assim segue o delineamento de uma proposta de trabalho por projetos a ser executada durante as práticas pedagógicas.

Com o uso das TICs, professores e alunos têm a possibilidade de utilizar a escrita para descrever/reescrever suas ideias, comunicar-se, trocar experiências e produzir histórias. Assim, em busca de resolver problemas do contexto, representam e divulgam o próprio pensamento, trocam informações e constroem conhecimento, num movimento de fazer, refletir e refazer, que favorece o desenvolvimento pessoal, profissional e grupal, bem como a compreensão da realidade. Temos assim a oportunidade de romper com as paredes da sala de aula e da escola, integrando-a à comunidade que a cerca, à sociedade da informação e a outros espaços produtores de conhecimento, aproximando o objeto do estudo escolar da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, nos transformando em uma sociedade de aprendizagem e também da escrita (ALMEIDA, 2001, p. 4).

Com a chegada das novas Tecnologias da Informação e Comunicação nas escolas, a Internet entra como mais uma fonte de pesquisa, trocas de informações, comunicação e interação no processo de aprendizagem.

De acordo com Hamacher (2000, p. 21) o conhecimento técnico é importante, porém não é o suficiente. Em um processo de implantação de um ambiente de apoio decisões, como o da ferramenta proposta, o primeiro conceito que embasa o seu desenvolvimento é o de Sistemas de informações (SI). Conhecer os SI proporciona uma visão de conjunto que favorece a efetividade nos momentos de tomada de decisão.

Baseados na Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs), os SI devem ser capazes de processar transações de forma rápida e precisa; armazenar e acessar rapidamente grande volume de dados; prover comunicação rápida; reduzir sobrecarga de informações, além de fornecer suporte para a tomada de decisões.

Albertin e Moura (2002, p. 176) definem que os benefícios de TICs podem então ser definidos como custo, produtividade, flexibilidade, qualidade e inovação, sendo que estes benefícios podem ser entendidos como a oferta que esta tecnologia traz para as instituições. Os vários usos de TICs podem apresentar proporções diferentes dos benefícios oferecidos, de acordo com o tipo de aplicação e nível de reconfiguração.

Assim, o uso da TICs na educação caminha no sentido da produção compartilhada de conhecimento, favorecida pela resolução de problemas ou desenvolvimento de projetos, nos quais a escrita, por meio da TICs, induz à liberdade de expressar e comunicar sentimentos, registrar percepções, ideias, crenças e conceitos, refletir sobre o pensamento representado e reelaborá-lo.

A aprendizagem por projetos ou situações-problema ocorre por meio da interação e articulação entre conhecimentos de distintas áreas, conexões estas que se estabelecem a partir dos conhecimentos cotidianos dos alunos, cujas expectativas, desejos e interesses são mobilizados na construção de conhecimentos científicos. Os conhecimentos cotidianos emergem como um todo unitário da própria situação em estudo, portanto sem fragmentação disciplinar, e são direcionados por uma motivação intrínseca. Cabe ao professor provocar a tomada de consciência sobre os conceitos implícitos nos projetos e sua respectiva formalização, mas é preciso empregar o bom senso para fazer as intervenções no momento apropriado (MORAES, 1997, p. 2).

Atualmente a escola não satisfaz mais os estudantes, eles não têm interesse nos conteúdos apresentados, pois muitos estão fora de suas necessidades e conforme estudos desenvolvidos, o trabalho por projetos surge do interesse dos estudantes, onde o mesmo

buscará o conhecimento suprindo as suas necessidades e com isso sua aprendizagem se tornará efetiva e significativa.

Santomé (1998, p. 206), afirma que: o processo educacional precisa apoiar-se nos interesses dos estudantes, mas também deve gerar novos interesses. “Um bom projeto curricular tem que ser prazeroso e educacional ao mesmo tempo; tem de propiciar uma certa continuidade nos aprendizados”.

O uso da rede mundial de computadores, como ferramenta de grande utilidade para o processo de educação a distância, não deve apenas resolver as questões referentes a distâncias.

O uso da TICs no desenvolvimento de projetos ou na resolução de situações-problema permite o registro desse processo construtivo, funcionando como um recurso de diagnóstico sobre o nível de desenvolvimento dos alunos, suas dificuldades e potencialidades, e, principalmente, favorecendo-lhes a identificação e correção dos erros e a constante reelaboração, sem perda do que já foi criado.

As tecnologias trazem um mar de possibilidades para utilização no âmbito educacional, entre eles um melhor aproveitamento pedagógico, de forma a potencializar o processo de ensino aprendizagem. Podemos encontrar muitas propostas de metodologias, ferramentas e atividades a serem desenvolvidas pelos alunos na rede interna das instituições e também na internet. Realmente enquanto educadores não podemos ficar parados diante de tantas oportunidades que nos afrontam. Não só devemos, mas temos o dever de aproveitá-las da melhor forma, o dever de buscar novos pensamentos e de estarmos sempre atualizados.

Independente das novas tecnologias é necessário inovar o fazer pedagógico na educação. As redes de comunicações possibilitam espaços para que a aprendizagem cooperativa ocorra dentro e fora das salas de aula, a Internet vem facilitar essa cooperação.

Cabe a nós professores, aproveitar essas tecnologias em benefício da educação, fazendo com que os estudantes saiam da escola preparados para a vida, para enfrentarem a competitividade do mercado de trabalho, conscientes da realidade que os espera.

Aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais

A aprendizagem seja em ambiente virtual ou não, deve ser proporcionada a partir da participação de todos os envolvidos garantindo uma rede de interações propiciada por recursos comunicacionais. Num ambiente virtual de aprendizagem a interação é fator fundamental na construção do conhecimento, onde professor e aluno devem ter garantido uma bidirecionalidade na emissão e recepção de mensagens, potencializando a comunicação. É através da colaboração e participação que se dá a aprendizagem significativa (SANTOS, 2004).

A questão é manter uma educação à distância em que os envolvidos mantenham uma postura na qual cada um possa garantir a interatividade no grupo, seja questionando, buscando informações, trocando ideias e textos escritos, propiciando uma formação baseada em interesse que mesmo comum a todos, seja possibilitado a cada integrante construir seu conhecimento a partir das especificidades de cada um, ou seja, “ser capaz de atender as demandas dos novos ambientes *online* de aprendizagem, (...) de se perceber como parte de uma comunidade virtual de aprendizagem colaborativa e desempenhar o novo papel a ele reservado nesta comunidade” (SANTOS, 2004, p. 57)

De acordo com Franco, Braga e Rodrigues (2011, p. 15) a aprendizagem colaborativa em cursos virtuais pode ser definida “como um processo estratégico de comunicação educativa no qual dois ou mais sujeitos constroem o seu conhecimento através da discussão,

da reflexão e da tomada de decisões”. Nesse contexto, os recursos da tecnologia da informação atuam como importantes e eficazes mídias do processo de ensino-aprendizagem virtual, presencial, semipresencial ou à distância.

Os ambientes e seus recursos tecnológicos proporcionam uma interatividade entre o aluno e o ambiente, criando no aluno uma consciência de sala de aula virtual que o incentiva à sua aprendizagem.

Na aprendizagem colaborativa, o aluno é responsável pela sua própria aprendizagem e pela aprendizagem dos outros membros do grupo. Os alunos constroem conhecimento através da reflexão da discussão em grupo. A troca ativa de informações instiga o interesse e o pensamento crítico, possibilitando aos alunos alcançarem melhores resultados do que quando estudam individualmente. Na aprendizagem colaborativa, os professores deixam de ser uma autoridade para se transformarem em orientadores (FULKS et al, 2006, p. 369).

Na aprendizagem colaborativa valoriza-se a participação do aprendiz e suas competências em resolver problemas. Se o aluno demonstrou ter as competências necessárias a partir de suas participações no curso, então passa de fase, de modo semelhante ao que ocorre nos videogames.

Além dos recursos para administração de conteúdos, tarefas, etc., esses ambientes são compostos por ferramentas que, segundo Franco, Braga e Rodrigues (2011, p. 16), entre outras coisas proporcionam: a interação por meio de atividades síncronas e assíncronas, entre alunos/conteúdos, alunos/formadores, formadores/alunos e alunos/alunos; o compartilhamento de informações pessoais e profissionais (que constam num perfil, por exemplo): conhecimento prévio das experiências pessoais, profissional, línguas e culturas dos alunos e dos professores; a troca de ideias entre professores e alunos; a participação em discussões temáticas (conduzidas ou não), a valorização da adversidade, das diferenças, etc.; o desenvolvimento de trabalhos em grupos; o compartilhamento entre colegas de trabalhos individuais, e, a construção do conhecimento do aluno com a colaboração dos outros participantes do grupo.

A EaD – Ensino a Distância - é caracterizada quando o ensino e a aprendizagem acontecem em sala aula virtual mediada por tecnologias onde a comunicação estabelecida no ambiente *online* deve favorecer o intercâmbio de informações entre participantes do processo. Os ambientes virtuais para EaD são elaborados por vários profissionais de conhecimento específico, o que contribui para um bom desenvolvimento do ensino da aprendizagem, pois o mesmo deve ser construído a fim de favorecer o envolvimento do aluno de forma colaborativa no ambiente e o leve a sistematizar sua prática de estudos, promovendo assim, o processamento das informações para gerar conhecimento (SANTOS, 2004).

Este é um processo pedagógico que ultrapassa os espaços da escola, permitindo que professores e alunos tenham a possibilidade do desenvolvimento da aprendizagem colaborativa através do intercâmbio de informações.

O ensino da língua inglesa

A linguagem é o principal instrumento para a expressão do ilimitado leque de relações que constituem a existência do homem. Com a evolução da tecnologia e ciência vem dependendo cada vez mais da troca de informações, o que coloca a linguagem no cerne da questão da eficiência e do controle dessas informações. A globalização da informação, graças a Internet, que permite a instantânea partilha dessa informação, implica a necessidade de um instrumento linguístico comum entre os povos para permitir esse intercâmbio.

De acordo com Celani (1996 *apud* NICHOLLS, 2001) o desconhecimento de uma língua estrangeira constitui, muitas vezes, um entrave que fecha o acesso ao mundo moderno, que impede o consumo de conhecimentos produzidos no estrangeiro, além de cercear a contribuição ativa e eficiente na produção e no desenvolvimento científico e tecnológico internacional.

Nos dias atuais torna-se indispensável o conhecimento de pelo menos uma língua estrangeira, para se ter mais acesso a informações e para maior participação do mundo moderno, o que contribuirá positivamente para o crescimento pessoal, cultural, científico e profissional.

Atualmente, a LDB 9.394, é favorável ao ensino de línguas estrangeiras, tornando compulsória a inclusão de, pelo menos uma língua estrangeira no currículo escolar e de ensino fundamental e médio.

A aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra-discursos em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (...). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma língua estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do status quo ao invés de cooperar para sua transformação. (BRASIL, 1998, p. 40).

A aprendizagem de língua inglesa é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social.

Todo tempo é tempo de conhecer e de exigir um novo modelo de ensino. Um ensino interativo; um ensino interessante, atual e real. E, principalmente, um ensino exigente, que desperte no estudante a responsabilidade de atualizar-se, de buscar informações e de manter-se atento às mudanças.

Este novo posicionamento no ensino, implica aprender a aprender, traduzindo a capacidade de refletir, analisar e tomar consciência do que se sabe, buscar novas informações, adquirir novos conhecimentos resultantes da rápida evolução.

Segundo Fabiano (1999) reconhece-se a importância de focalizar o processo de aprendizagem, mais do que a instrução e a transmissão de conteúdo, lembrando que hoje é mais relevante o “como” você sabe do que “o que e o quanto” você sabe. Aprender é saber realizar. Conhecer é compreender as relações, é atribuir significados às coisas, levando em conta não apenas o atual, mas também o passado.

O que se observa é que não se aprende a língua para fins comunicativos, ensina-se falar sobre a língua, mas não a falar a língua, a fazer uso dela para se comunicar, numa triste demonstração do total desprezo ou mesmo desconhecimento dos princípios e pressupostos que subjazem ao ensino de línguas,

A língua inglesa com meio de comunicação de várias comunidades interage dentro de um espaço geográfico e esta por sua vez se relaciona com outras comunidades no mundo, promovendo um processo de ensino-aprendizagem transformador da sociedade.

O ensino da língua inglesa vem mostrando sinais de mudanças através da sua aplicabilidade, apesar de sua tendência tradicional, um ensino de uma língua estrangeira

orientada para o desenvolvimento de habilidades específicas faz aumentar a motivação do aluno pelo rápido aprendizado. E, diante dessa nova realidade, a inserção da tecnologia no processo de aprendizagem da língua inglesa contribui muito para uma mudança na vida dos agentes de aprendizagem.

LiveMocha uma rede social para ensino da língua inglesa

A utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na educação tem gerado nos últimos tempos muitas opiniões no âmbito escolar em relação às suas vantagens e desvantagens, envolvendo interrogações e reflexões acerca da atual situação das escolas públicas. É um processo lento, mas percebem-se pequenos resultados, entre os quais, a consciência de muitos docentes, devido às constantes transformações e revoluções tecnológicas.

Enfatizando essa questão, Proserpio e Gioia (2007 apud REGO, 2010, p. 64) apontam que a rotina dos jovens de hoje inclui várias horas em frente ao computador, seja em casa ou em cibercafés. É grande a disseminação das ferramentas de Internet, simulações e jogos de computador e ferramentas de comunicação mediada por computador na vida cotidiana da nova geração de estudantes. Tais estudantes participam ativamente de comunidades virtuais, se relacionam por mensagens instantâneas e buscam informações sobre diversos temas na Internet.

O site *Livemocha* é uma comunidade mundial de aprendizagem de idiomas com métodos de aprendizagem com a prática *online* e interação com falantes nativos ao redor do mundo. Foi lançado em 2007 e conta com 14 milhões de membros em mais de 195 países, com destaque para a demanda internacional por uma abordagem envolvente e colaborativa para aprendizagem de línguas.

A etimologia da palavra *Livemocha*, segundo estudos de Quadros (2011), vem do casamento entre duas palavras: *Live* e *Mochaccino*. A palavra "Live" é referida como todo o tipo de comunicação em tempo real do site, em que os sujeitos da comunidade interagem através de chats, mensagens e correções de lições feitas por um membro ao mesmo tempo. Já a palavra "Mocha" tem origem italiana (*mochaccino*) e denota um tipo de café com chocolate.

A justificativa dada pelos fundadores do ambiente virtual para a escolha do nome *Livemocha* trata de salientar que a empresa que presta esse serviço está situada nos Estados Unidos, na cidade de Seattle, conhecida pelo seu café tradicional. Outra referência é dada ao prazer que as pessoas dessa cidade têm em se encontrar para beber um café e assim fazem uma analogia ao prazer de se encontrar virtualmente para aprender um idioma.

A Internet está revolucionando a questão sociocultural das pessoas e, atualmente, os indivíduos têm o compromisso de se familiarizar com essa ferramenta, já que é cobrado esse tipo de conhecimento imprescindível para qualquer área. Marshall (2010 apud QUADROS, 2011) tece a ideia de que quando há uma grande promoção na comunicação interativa, hipertextual e virtual, a Internet se configura em um ambiente amistoso para o desenvolvimento do aprendizado de uma língua estrangeira. Segundo a autora, a comunicação entre indivíduos no meio eletrônico possibilita que a abordagem comunicativa se torne efetiva na ação pedagógica, ainda a ser consolidada efetivamente na escola. Para tanto, o estudante de uma língua estrangeira precisa se envolver em situações, contextos sociais e culturais autênticos na língua-alvo. É importante que ele realmente produza sentidos de forma colaborativa com seus interlocutores, buscando agir socialmente.

A aprendizagem da língua inglesa no *Livemocha* é interpretada na teoria como o objeto/motivo. Os sujeitos motivados a aprender o idioma estrangeiro buscam transformar

esse objeto em resultado. Essa transformação só é possível por conta do domínio oriundo da prática com acertos e erros que os sujeitos têm sobre o computador e todas as possibilidades tecnológicas. A Internet, em especial, o site do Livemocha, é vista na Teoria da Atividade como a ferramenta de mediação (QUADROS, 2012).

O site oferece recursos para iniciar conversas ao vivo em texto ou áudio com outros estudantes. A própria rede de pessoas no curso oportuniza opções de revisão de textos e conversas.

Quadros (2011) nos explica que o Livemocha divide as lições em quatro partes: a) aprender – Nesse item, o aluno tem mais de 30 lições para ler e ouvir o texto e o áudio correspondente; b) Revisão – Aqui o aprendiz tem uma aleatória série de exercícios de leitura, compreensão oral, visando reforçar o que foi desenvolvido no curso; c) escrever – A partir da compreensão da escrita das palavras com a compreensão do vocabulário aprendido, o indivíduo fará suas primeiras produções de texto, sendo para realizar descrições ou especificações de um determinado item; d) falar – Nessa lição o aluno pode gravar uma mensagem para praticar suas habilidades de expressão oral e recebe dicas da comunidade do Livemocha.

Há uma forma de avaliação de desempenho no aprendizado de um idioma entre os usuários ocorre através de um sistema de pontos, chamados *mochapoints*, um recurso que determina o desenvolvimento do aprendiz, cujo acúmulo permite aos associados avaliar as contribuições entre si e monitorarem a proficiência linguística.

Conclusão

As TIC, amplamente disseminadas nos espaços cotidianos, impulsionadoras de integração entre pessoas de diferentes partes do mundo, ainda não foram suficientemente incorporadas nos sistemas educacionais. A educação a distância, que seria facilitada com o uso das mesmas reproduz na prática o modelo de transmissão unilateral, adotado pelo ensino presencial.

Constata-se que as TIC têm na prática educacional um papel extremamente reduzido. Para os sujeitos envolvidos no processo, especialmente nos processos de educação a distância, é evidente que as TIC têm o potencial de diminuir as fronteiras e ampliar a circulação da informação, ocasionando a construção do conhecimento.

Aprender um idioma por meio de uma rede social já é realidade. Segundo o site do Livemocha, mais de 12 milhões de pessoas são membros dessa comunidade, onde cerca de 5 milhões são brasileiros aprendendo uma nova língua por meio de recursos como bate-papo, recursos multimídia – como vídeos de aprendizado, e-books, audio-books e outros materiais de estudo.

Os dados sugerem que, mesmo um ambiente virtual possuindo os melhores recursos disponíveis para a aprendizagem, é relevante a aprendizagem ser acompanhada por uma pessoa com mais experiência ou mesmo um professor. Esse fator é para a manutenção e sustentação dessa aprendizagem virtual. É evidente que essa realidade dependerá de uma iniciativa pessoal.

Outro ponto que se acrescenta é o aspecto social deste método de aprendizagem online, pois o sujeito está imerso em uma realidade de aprendizagem autêntica, com a possibilidade de estabelecer laços de amizade e parceria autênticos, podendo ser valiosos para o futuro desses aprendizes. Nesse sentido os nativos de uma determinada língua meta seriam capazes de dar aos sujeitos ajuda adicional fora da sala de aula.

A integração da tecnologia na aprendizagem de línguas pode potencializar a aprendizagem dos alunos. No entanto, o professor precisa manter um monitoramento efetivo a fim de verificar a eficiência dos alunos nesse ambiente virtual, buscando regular as estratégias e evitar que os alunos se dispersem ou se desinteressem pelo aprendizado online.

REFERÊNCIAS

ALBERTIN, A. L.; MOURA, R. M. Amplie seus horizontes. Information week, **Revista de Administração de Empresas**, vol., 41, n. 3, jul./set. 2002.

ALMEIDA, M. Tecnologia de informação e comunicação na escola: aprendizagem e produção da escrita. Série “**Tecnologia e Currículo**” - Programa Salto para o Futuro, Novembro, 2001.

ANJOS, Juracy. **Educação e tecnologia: uma aliança necessária**. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/educacao-e-tecnologia-uma-alianca-necessaria>> Acesso em 15/09/2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARR, Nicholas G. **Será que TI é tudo?** Repensando o papel da tecnologia da informação. São Paulo: Editora Gente, 2009.

FABIANO, Kessya Pinitente. O ensino da língua inglesa através do método tradução-gramática nas escolas de ensino médio no município de nova Venécia. Faculdade de Nova Venécia. Diário Oficial da União, 28/08/1999. Disponível em <<http://www.univen.edu.br/revista/n012/O%20ENSINO%20DA%20LINGUA%20INGLESA%20ATRAVES%20DO%20METODO%20TRADUCAO-GRAMATICA%20NAS%20ESCOLAS.pdf>> Acesso em 18/10/2012.

FANCO, Lucia Regina Horta Rodrigues; BRAGA, Dilma Bustamante; RODRIGUES, Alessandra. **EaD virtual: entre teoria e prática**. Assis/SP: Tribunal Gráfica e Editora, 2011.

FERNANDES, Clóvis Torres; SANTOS, Neide. Pesquisa e desenvolvimento em informática na educação no Brasil. Parte I. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, n. 3, 1999. Disponível em <<http://bibliotecadigital.sbc.org.br/?module=Public&action=PublicationObject&subject=0&publicationobjectid=89>> Acesso em 18/10/2012.

ULKS, Hugo; PIMENTEL, Mariano Gomes; GEROSA, Marco Aurélio et al. Nova estratégias de avaliação *online*. IN.: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (orgs.) **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. **A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; VECTORE, Célia (orgs.) **Questões de pesquisa e práticas em psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.
- NEVADO, R. A. Ambientes virtuais de aprendizagem: do “ensino na rede” à “aprendizagem em rede”. **Revista Informática na Educação: teoria e prática**. Vol, 2, n. 2, p. 1-11, 1999.
- NICHOLLS, Susan Mary. **Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês**. Maceió: EDUFAL, 2001.
- QUADRO, Gerson Bruno Forgiarini de. As novas tecnologias no processo de aprendizagem de idiomas. **IX ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 2012. Disponível em <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1310/919>> Acesso em 18/10/2012.
- _____. **Comunidades de aprendizagem.com/livemocha: um jeito social de aprender idiomas**. Dissertação de Pós-graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas/RS, 2011.
- REGO, Izabel de Moraes Sarmiento. Incorporação das novas tecnologias na aula de língua espanhola: possibilidades e dificuldades encontradas na produção de um texto publicitário. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?Code=00076176>>. Acesso em 18/10/2012.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: Currículo Integrado**. Porto Alegre, RS. Artes Médicas, 1998.
- SANTOS, Lilian Carmen Lima dos. Educação a distância na formação de professores. IN.: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; KULLOK, Maísa Brandão Gomes (orgs.) **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: EDUFAL, 2004.
- TORRES, Patrícia Lupion; MARRIOTT, Rita de Cássia Veiga. A aprendizagem colaborativa no LOLA. IN.: SANTOS, Edméa, ALVES, Lynn. **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- VALENTE, J. A. A espiral da aprendizagem e suas tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. IN.: **A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

